

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE

IGOR LEONARDO CARNEIRO DE MENEZES

**A EMERGÊNCIA DA SUBJETIVIDADE DIGITAL:
Uma revisão sistemática**

RECIFE, 2020

Igor Leonardo Carneiro de Menezes

**A EMERGÊNCIA DA SUBJETIVIDADE DIGITAL:
Uma revisão sistemática**

Trabalho de pesquisa realizado na Faculdade Pernambucana de Saúde, utilizado como requisito parcial para conclusão de curso.

Orientador: Jefte Amorim

RECIFE, 2020

Resumo

É certo que a digitalização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm impactado profundamente as nossas dinâmicas sociais e nas subjetividades. Essas tecnologias, muitas vezes apontadas como disruptivas, têm sido objeto de pesquisa de inúmeros estudiosos ao redor do mundo. Entretanto, é notável que os atuais estudos se referem muito mais a conceitos amplos sobre o funcionamento das mídias digitais, sua aplicabilidade no mercado e em dinâmicas sociais. Ficando, dessa forma, a construção de uma subjetividade contemporânea a partir dessas influências, à margem da hegemonia da produção científica. A manutenção de algoritmos ganhou força na última década e está modificando a forma como os conteúdos são compartilhados e acessados e, mais do que isso, de como as pessoas se forma e relacionam. Por isso, é urgente incentivar pesquisas que deem conta desse universo. Dessa forma, a partir de uma revisão sistemática, construiu-se o presente trabalho com o objetivo de identificar e compreender, através da revisão sistemática, os conceitos sobre a subjetividade digital revistos na literatura brasileira.

Palavras-Chave: subjetividade digital; algoritmos; TICs; Psicologia

Abstract

It is true that the digitalization of Information and Communication Technologies (ICTs) has had a profound impact on our social dynamics and subjectivities. These technologies, often pointed out as disruptive, have been the object of research by numerous scholars around the world. However, it is notable that current studies refer much more to broad concepts about the functioning of digital media, their applicability in the market and social dynamics. Thus, the construction of a contemporary subjectivity based on these influences, stay on the fringes of the hegemony of scientific production. The maintenance of algorithms has gained strength in the last decade and is changing the way contents are shared and accessed and, more than that, how people form and relate. Therefore, it is urgent to encourage research that addresses this universe. Therefore, it is urgent to encourage research that accounts for this universe. Thus, from a systematic review, the present work was built with the objective of identifying and understanding, through systematic review, the concepts about digital subjectivity reviewed in the Brazilian literature.

Keywords: *digital subjectivity; algorithms; ICTs; Psychology*

Introdução

A chegada da era digital trouxe consigo inúmeros benefícios à humanidade, não se pode negar. As informações se propagam em poucos segundos e as pessoas se conectam uma com as outras independentemente de onde estejam. Sendo assim, a relação humana vem alcançando patamares jamais esperados, pois parece não haver limites entre o mundo real e o meio digital. A popularização da internet possibilitou ao Homem um imediato contato com os acontecimentos do mundo, através das mídias digitais, e elevou os níveis de relação e interação entre as pessoas gerando uma nova forma de comunicação.

Os indivíduos se lançam dentro de um ambiente cheio de informações que parecem, de alguma forma, se adequar aos seus interesses. Torna-se demasiadamente prazeroso navegar por um local onde quase todo o conteúdo que se revela é, em grande parte, o que se deseja.

No entanto, por trás deste fenômeno existe uma série de mecanismos fundamentados no âmbito das linguagens de programação que muitas vezes é desconhecido pelos usuários. A partir de determinadas interações com a tecnologia, o usuário acaba por oferecer dados importantes sobre os seus gostos e costumes e, a partir disso, cria-se um acervo digital sobre o indivíduo; dados que podem viabilizar e facilitar a navegação dos usuários, mas que podem transpor uma nova dimensão da subjetividade humana, baseada apenas em algoritmos. Para Goodwin (2005) existem cinco tendências aparentes na Psicologia Moderna e uma delas é marcada pela expansão do impacto dos computadores.

O Homem, ser social, acompanha a história, é influenciado por ela e também a modifica. Na contemporaneidade, também, a subjetividade se incide com a história do Homem e entrelaça os processos de transição do mundo e, por isso, é necessário a elaboração de estudos que possam estar inseridos em contextos atuais e emergentes. O Brasil, por exemplo, somente em 2018, sancionou a Lei nº 13.709/2018 voltada para o tratamento de dados pessoais, também chamada de Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD); espelhou-se na *Regulation (EU) 2016/679 (General Data Protection Regulation)* ou (*GDPR*) implementada pela União Europeia no mesmo ano, tendo como objetivo proteger todos os seus cidadãos contra a violação de privacidade de dados.

Castanho e Zorzim (2017) identificaram em uma pesquisa que 70% dos jovens entrevistados afirmavam haver influência das tecnologias digitais em seus gostos, costumes, gestos. É devido a essas inquietações que o trabalho busca conhecer os estudos disponíveis sobre a temática da conceitualização da subjetividade digital e a sua relação com os algoritmos.

Por se tratar de um assunto novo para a ciência, ainda há pouco material de profundidade disponível sobre o tema, fazendo com que seja ainda mais relevante empreender esforços para desbravar esse campo. Essa escassez de materiais que busquem sintetizar o significado do termo “subjetividade digital” é uma das questões que motivam este trabalho e que o justificam, pois como afirma Guareschi (2018), trata-se ainda de um conceito emergente.

Este trabalho será introduzido por alguns elementos fundamentais para uma maior compreensão da temática. Primeiramente, será feita uma passagem sobre os de algoritmos e o filtro bolha, cujo seus mecanismos exercem grande influência na conectividade dos usuários e na forma como eles se relacionam com os conteúdos e os meios de comunicação digitais. Em um segundo tópico será feito um resgate literário acerca do consumo de mídias digitais e a subjetividade digital, evidenciando suas ligações diretas com as mecânicas algorítmicas.

Algoritmos e o filtro bolha

A palavra algoritmo pode ser definida de muitas formas, dentre elas, Marco Medina e Cristina Fertig (2006, p. 13) a conceituam como sendo “um procedimento passo a passo para a solução de um problema” e também “uma sequência detalhada de ações a serem executadas para realizar alguma tarefa”. Uma receita culinária pode ser um clássico exemplo de algoritmo, mas nos dias atuais esse termo tem sido associado à computação, e é nessa perspectiva que o atual trabalho se fixará, entendendo que um algoritmo é um procedimento computacional.

Para que seja entendido quais são as funções de algoritmos, é preciso um estudo aprofundado sobre o tema, pois se trata de uma linguagem computacional e requer do indivíduo um conhecimento dessa área. No entanto, algumas das suas

funções podem ser compartilhadas com o público leigo, podendo abrir um espaço de diálogo entre outras áreas da ciência.

Dentre as várias aplicações práticas de algoritmos, é possível reconhecer a sua importância na relação direta com a internet. Segundo Cormen et al. (2002), algoritmos inteligentes são empregados com a finalidade de manipular e gerenciar grandes quantidades de dados que são disponibilizados de forma rápida aos usuários de todo o mundo.

Com a popularização dos computadores e da internet, foi preciso modificar a forma de como as informações digitais eram organizadas, pois uma quantidade imensa de dados dificultava as pesquisas do usuário. Com o decorrer do desenvolvimento da rede digital, surgem novas alternativas de organização de dados, como por exemplo os mecanismos de busca do Google e de outras empresas.

De acordo com Fava (2013, p. 1) surgem também, nesse mesmo contexto, os filtros bolha, mecanismos que filtram as informações para cada usuário, baseando-se nos conteúdos relevantes a ele. Este, pode acabar, então, imerso em uma bolha que o distancia de outros conteúdos. Sendo assim, a manifestação desse mecanismo se dá por uma linha tênue entre a praticidade e a constante exposição a conteúdos disponibilizados por algoritmos. Caribé (2019, p. 6) quando fala sobre o filtro bolha do Facebook, por exemplo, afirma que ele resulta de um “treinamento” dos algoritmos que possibilita a produção de crenças e percepções da realidade, afetando o fluxo, escolha e a classificação das informações. Esse conceito não apareceu nos artigos analisados, mas achou-se necessário introduzi-lo tendo em vista sua afinidade com o tema.

Vale ressaltar que os algoritmos também facilitam a conectividade do usuário, indicando os conteúdos que possivelmente serão do seu interesse e, principalmente, quando se faz o uso de filtros de pesquisa para obter os achados de um determinado tema. Entretanto, o grande problema é a forma como os dados são reunidos para então traçar um mapeamento de uma suposta identidade virtual que nem sempre corresponde aos interesses reais desses indivíduos.

Fava (2013, p. 9) também demonstra preocupação quanto ao impacto dos filtros na formação do conhecimento, afirmando que eles nos conduzem a uma espécie de bolha onde as opiniões dos usuários são semelhantes às nossas, o que

pode dificultar na produção e no compartilhamento de ideias diferentes dessa realidade.

Ao invés de termos que produzir um discurso de verdade sobre nós, ele nos é apresentado enquanto uma evidência. Ou seja, mesmo quando nos sentimos perseguidos ou vulneráveis à influência dos algoritmos, essa tentativa de persuasão nos oferece provas esperançosas de que realmente temos uma unidade subjetiva, singular. (FILHO, 2019, p. 15)

Consumo de mídias digitais e a subjetividade digital

A contemporaneidade, principalmente com o advento das tecnologias, modificou a relação do Homem com o tempo-espaço, exigindo, deste, uma rápida adaptação às mudanças. De acordo com Mandarino (2009, p. 61), as novas dimensões, emergidas pelo globalismo, sobre a noção de tempo e espaço podem gerar uma espécie de “desalojamento do sistema social”, onde os costumes e práticas pré-estabelecidas pelas dinâmicas sociais são remodeladas e acabam por transformar a identidade do sujeito.

A importância da Psicologia no mundo digital, de acordo com Guareschi (2018), adveio recentemente, após a criação de um aplicativo chamado *MyPersonality*, em 2014. Curiosamente, o projeto foi criado por um psicólogo, que se baseou no modelo denominado *Big Five*, analisando as características e perfis de cada usuário. O resultado desse experimento foi a aquisição de uma quantidade imensa de dados sobre a personalidade. Posteriormente, esses procedimentos foram resgatados por outras empresas que começaram a utilizar como um grande negócio. Um exemplo foi o caso da *Cambridge Analytica*, que se utilizou dos dados para realizar interferências políticas

Diante disso, os processos de subjetivação acompanham o movimento histórico e se situam na era da globalização. Nesse período destaca-se um fenômeno que alguns pesquisadores o nomeiam de “cultura consumista”. De acordo com Moreira et al. (2011, p. 462) nessa cultura, “[...] encontramos, na promessa do

objeto, a possibilidade de prazeres e vivências rápidas e intensas”. Observa-se, então, uma reformulação nas relações humanas que agora acompanham o fluxo da evolução tecnológica, inserida, também, em cultura do consumo no qual os jovens parecem buscar o imediatismo na relação com os objetos e com o outro. Buckingham (2007, p. 71) afirma que “a tecnologia é vista como responsável pela transformação das relações sociais, de nosso funcionamento mental, de nossas concepções básicas de conhecimento [...]”, portanto, a construção subjetiva também responde às demandas tecnológicas e nela se apoia.

As mídias digitais evoluem rapidamente e carregam consigo cada vez mais informações que são compartilhadas rapidamente ao mundo. Certamente, essa intensidade afeta as dinâmicas sociais da humanidade e molda a construção do saber, bem como as formulações identitárias.

A subjetividade como sendo uma marca individual constitui-se no contexto histórico e cultural, e é nessa mesma realidade que o indivíduo produz novos sentidos e significações, pois este é um ser que vive na sociedade (CASTANHO e ZORZIM, 2017).

Sobre o conceito de subjetividade, vale destacar que de acordo com Guareschi (2018), esta também é constituída pela relação que estabelecemos com o outro e, por isso, nossa subjetividade é sempre social. Portanto, é possível considerar que as subjetividades também são influenciadas pela relação com as ferramentas digitais, sobretudo quando se trata do público mais jovem. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, apontou que 54% dos adolescentes entrevistados afirmaram passar muito tempo no celular¹.

Em uma outra pesquisa, Castanho e Zorzim (2017) buscavam investigar o perfil do jovem contemporâneo no que diz respeito ao uso da tecnologia e sua relação com a subjetividade. Dentre os resultados, observou-se que 70% dos entrevistados responderam haver influência a partir do uso da internet e mídias digitais, mesmo que moderada, nos relacionamentos, na moda, no vocabulário e na linguagem, por meio, principalmente, das propagandas e notícias. Somente 30% dos

¹ TEMPO gasto com celular preocupa adolescentes e pais, mostra pesquisa. **Época Negócios**, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/08/tempo-gasto-com-celular-preocupa-adolescentes-e-pais-mostra-pesquisa.html>

jovens resistem em afirmar que a internet e a mídia influenciam seus comportamentos e atitudes.

Tais resultados podem ajudar a compreender que o uso da internet pode modificar hábitos e costumes. É nesse ponto que a ação dos algoritmos inclusos nas mídias digitais, muitas vezes desconhecidos ao usuário, se apresentam de forma oculta, e, se não existe um conhecimento sobre a existência desses mecanismos, possivelmente não há espaço para discernir sobre eles.

O conceito de subjetividade digital vem sendo utilizado em alguns trabalhos, mas ainda não é bem estruturado e não parece ter uma definição concreta. Guareschi (2018, p. 27) afirma ser um conceito emergente que interagindo com os mecanismos tecnológicos “torna-se possível construir valores e subjetividades que assemelhem os seres humanos a robôs, diminuindo e ferindo fortemente sua consciência e liberdade”, sendo assim, ao decorrer das escritas de Guareschi (2018), essa subjetividade pode ser sustentada dentro de um modelo guiado por algoritmos que captam uma quantidade imensa de dados dos usuários; captação, que pode ser entendida dentro do conceito de *Big Data*.

Em tempos de *Big Data*², dados e informações passam a ser importantes dispositivos para a era digital. De acordo com Amaral (2016, p. 7) “*Big Data* é o fenômeno em que dados são produzidos em vários formatos e armazenados por uma grande quantidade de dispositivos e equipamentos” e que para ser estudado, precisa ser compreendido através de três conceitos: o dado, a informação e conhecimento.

Sobre isso, evidencia-se que os dados são fatos coletados, geralmente armazenados; já a informação é fruto da análise desses próprios dados que passam a ter significados. Posteriormente, tornam-se informações interpretadas, compreendidas e aplicadas para um fim, caracterizando, assim, o terceiro e último conceito (AMARAL, 2016). Essa relação facilita a compreensão de como os dados digitais, em específico, podem ser manuseados sem precisar se adentrar no campo da linguagem computacional.

² A quantidade de geração de dados cresceu de forma significativa e, por isso, foi preciso pensar em formas de como coletar e armazenar grandes quantidades de dados. O cruzamento desses fenômenos pode ser caracterizado como *Big Data*.

A partir de tais reflexões, o presente trabalho tem como objetivo principal identificar e compreender os conceitos do termo “subjetividade digital” através da revisão sistemática, os conceitos revistos na literatura brasileira para apresentá-los ao público.

Metodologia

Neste trabalho, utilizou-se a revisão sistemática como principal método de pesquisa. De acordo com Galvão, Sawada e Trevizan (2004, p. 1), trata-se de “um recurso importante da prática baseada em evidências, que consiste em uma forma de síntese dos resultados de pesquisas relacionados com um problema específico”. Já de acordo com Sampaio e Mancini (2007), esse tipo de investigação, bem como outros tipos de estudos de revisão, é uma forma de pesquisa que faz uso da literatura como sendo sua fonte de dados, direcionando-se ao tema específico a ser estudado.

Pesquisaram-se os materiais disponíveis na base de dados do *Google Scholar* utilizando a palavra-chave *subjetividade digital AND algoritmos AND filtro-bolha*, tendo sido encontrados um total de 134 trabalhos publicados. Os critérios utilizados para inclusão dos trabalhos na análise foram: artigos publicados em língua portuguesa entre os anos de 2010 e 2020; artigos científicos ou monografias que abordassem pelo menos uma vez o termo “subjetividade digital”, pois acreditou-se que a conceituação dessa palavra seria o elemento primordial da pesquisa. Foram excluídos os trabalhos que não abordavam a temática da influência dos algoritmos, filtros de conteúdo ou filtro-bolhas ou que não falavam das subjetividades contemporâneas, além daqueles que estavam incompletos ou indisponíveis, por conveniência.

Foram excluídos um total de 15 trabalhos por não estarem disponíveis em língua portuguesa e outros 19 por não estarem entre os anos de 2010 e 2020. Realizou-se uma leitura flutuante dos 100 artigos restantes, através da qual foi possível localizar 2 trabalhos disponíveis incompletos e 1 indisponível. Com isso, obteve-se um total de 97 trabalhos, dos quais 6 foram considerados aptos para fazer

da análise, pois nestes constavam o termo “subjetividade digital” e se relacionavam com a atuação dos algoritmos nas tecnologias digitais.

Resultados e discussões

Área/Autores	Título do trabalho/Ano	Tipo/Metodologia	Objetivo
Comunicação MEDEIROS, Jackson da Silva	Dispositivos de subjetividades: algoritmos nas redes de poder e informação. 2020	Estudo analítico elaborado a partir de conceitos dos teóricos Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari.	Fazer uma análise, através de um esboço, sobre a produção, a circulação e o consumo de redes comunicativas e os seus efeitos na configuração da subjetividade digital.
Comunicação MEDEIROS, Jackson da Silva; SCARTASSI NI, Verônica Barboza	Sociedade de controle e produção de subjetividade: anotações sobre algoritmos. 2019	Estudo analítico embasado em conceitos específicos de Gilles Deleuze e Félix Guattari.	Investigar a produção de subjetividade no sujeito digital.
Design Digital DO VALLE, Fernando.	Aspectos da mídia livre como resistência digital. 2019	Dissertação de mestrado de natureza bibliográfica qualitativa	Compreender como o midialivrismo se insere no fluxo da conjuntura comunicacional atual, no meio digital
Educação PEREIRA, Maria Alice Carraturi	RedeFor e a formação de gestores: novas subjetividades	Tese de doutorado na qual analisa um curso de especialização	Objetiva elaborar uma discussão sobre os cursos de formação de professores mediados pelas Novas

	na educação a distância. 2015	em gestão de escolas	Tecnologias de Informação e Comunicação, abordando os processos subjetivos contemporâneos e sua relação com os equipamentos modernos.
Psicologia GOMES, Ulyane Vieira	A estética do youtube: forma e conteúdo no capitalismo tardio. 2019	Dissertação de pós-graduação realizada através de uma análise de sete vídeos transcritos, tendo como referencial teórico a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.	Fazer um delineamento sobre a estética da plataforma de vídeos <i>Youtube</i> , evidenciando os aspectos referentes a indústria cultural.
Psicologia GUARESCH, Pedrinho	Psicologia e pós-verdade: a emergência da subjetividade digital. 2018	Análise crítica sobre os entendimentos acerca do conceito "pós verdade". Para isso foi dividido em dois pontos, sendo um deles voltado para a importância do papel da psicologia em um novo patamar sócio-antropológico e o outro foca em adentrar-se no conceito de subjetividade.	Refletir os novos papéis da psicologia e sua relação com o aparecimento de novas formas comunicacionais e em específico ao fenômeno da Pós-verdade.

Dentre os 6 trabalhos analisados, de acordo com suas respectivas áreas acadêmicas, foram identificados: 2 da área da Psicologia; 2 de Comunicação; 1 de Design Digital; e 1 de Pedagogia. Vale destacar o ano de publicação dos trabalhos, pois embora tenham sido pesquisados entre o ano de 2010 e 2020, a subjetividade digital e sua relação com algoritmos começa a surgir apenas em 2015, evidenciando, assim, o seu caráter atual e o seu surgimento em trabalhos divulgados na língua portuguesa.

No campo da Psicologia, destacam-se os trabalhos de Guareschi (2018) e o de Gomes (2019). O trabalho de Guareschi (2018) foi construído baseado em uma análise crítica do conceito de Pós-verdade, interligando o papel da psicologia e os seus desdobramentos no conceito de subjetividade, com o objetivo de refletir os novos papéis da psicologia e sua relação com o aparecimento de novas formas comunicacionais e em específico ao fenômeno da Pós-verdade. A partir dessa ideia central, o autor pressupõe que, atualmente, é possível se falar em um surgimento de uma subjetividade digital. Já Gomes (2019) tem como objetivo fazer um delineamento sobre a estética da plataforma de vídeos *Youtube*, evidenciando os aspectos referentes à indústria cultural a partir de uma análise de uma quantidade de vídeos de um *youtuber*. Tem como referencial teórico a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

A área de Comunicação também ofereceu um total de dois trabalhos, no qual um mesmo autor consta em ambos. Medeiros (2020) e Medeiros e Scartassini (2019). O primeiro busca realizar uma análise, através de um esboço, sobre a produção, a circulação e o consumo de redes comunicativas que se entrelaçam com os algoritmos, evidenciando seus efeitos na configuração da subjetividade digital. Tem como fundamentação teórica conceitos pensados por Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari. O trabalho mais antigo da análise, foi escrito no ano de 2014 e busca investigar a produção de subjetividade nos sujeitos digitais. Medeiros e Scartassini (2019) se apoiam nos conceitos de Deleuze sobre a sociedade do controle e a de Guattari no que diz respeito a produção de subjetividade. Sobre este último fenômeno, Medeiros e Scartassini (2019) buscam compreendê-lo através da relação de poder que ocorrem na esfera da linguagem, do neoliberalismo e da tecnologia.

Pereira (2015) na área de educação, faz uma análise de um curso de especialização em gestão de escolas voltado aos diretores da Rede Estadual com o intuito de elaborar uma discussão sobre os cursos de formação de professores, em especial aqueles mediados pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Reflete a partir de considerações sobre subjetivação contemporânea, considerando a atuação das maquinarias modernas nesse processo.

Por último, do Valle (2019) constrói um trabalho bibliográfico qualitativo no campo do Design Digital, se utilizando de dois estudos de caso. Tem como objetivo principal compreender midialivrisimo e como esse conceito se insere no fluxo da conjuntura comunicacional atual, especificamente no meio digital.

O trabalho de Gomes (2018) se permeia os conteúdos específicos da plataforma *Youtube* e na sua relação com os algoritmos em função dos conteúdos acessados pelos usuários. Aqui, por exemplo, a plataforma identifica os interesses dos usuários por meio dos algoritmos; captação que é feita não somente a através dos acessos, mas também pela quantidade de tempo que um usuário se mantém conectado e da sua interação com outros comentários (GOMES, 2019). O termo subjetividade digital é citado somente uma vez no trabalho, parafraseando as reflexões de Antunes (2017), autor que não consta na análise. Entretanto, alguns elementos se assemelham com o trabalho de Guareschi (2018), em especial um capítulo denominado “Algoritmo: o pensamento programado”, no qual traz reflexões sobre a atuação dos algoritmos e os seus impactos na subjetividade, afirmando que “o algoritmo é encarado como aquele que tem poder sobre a vida e a morte de um canal, seus impactos subjetivos são evidentes nos usuários [...]”.

Complementando esse pensamento, Guareschi (2018, p.27) “[...] toda vez que alguém curte, partilha, posta, comenta, lê um comentário, fala no WhatsApp, aprecia uma foto nas diferentes mídias sociais, está oferecendo dados preciosos para seu algoritmo”. Logo, a partir da interação do usuário com as redes sociais, os usuários passam a construir uma espécie de perfil psicológico digital inteiramente baseado na sua própria relação com a tecnologia. Assim como da Silva Medeiros e Scartassini (2014); e Guareschi (2018), Gomes (2019) demonstra uma preocupação em relação ao capitalismo e o seu interesse nas dinâmicas algorítmicas.

De acordo com Guareschi (2018) os processos de experiência na produção de subjetividade, nos dias atuais, podem também ser mediados por algoritmos, em espaços digitais. Também afirmam que os algoritmos, por serem praticamente imperceptíveis, são indecifráveis e assumem um lugar de neutralidade por parte dos usuários. Pereira (2015, p. 19) afirma que “[...] as maquinarias digitais, por meio de suas técnicas e procedimentos, atuam fortemente na direção de condutas, estando, pois, diretamente envolvida com os novos arranjos de poder contemporâneos”. Esse trecho, embora não cite os algoritmos como sendo parte desse processo, se assemelha com o pensamento de Medeiros (2020).

Ainda de acordo com estes três autores, a internet por ser um local que se caracteriza como um local de livre navegação, acaba por expor uma falsa ideia sobre o que é navegar entre esse espaço, pois ele já é delimitado. Demonstram que os algoritmos podem estar inseridos no conceito de sociedade do controle, na medida em que são utilizados para responder, principalmente, os interesses capitais.

Medeiros (2020) parte do princípio de que para compreender a subjetividade na contemporaneidade é preciso cruzá-la, também, com as relações neoliberais e sua direta comunicação com as tecnologias digitais. Trata-se de um estudo analítico que procura abordar a temática das dimensões subjetivas e sua relação entre poder e informação, bem como a atuação dos algoritmos nesse processo.

De acordo com as formulações teóricas Medeiros (2020) as questões micropolíticas, em termos discursivos, configuram o que poderia se chamar de subjetividade digital. Faz um paralelo com as ideias de Foucault, dimensionando as práticas neoliberais a um dispositivo de poder que se utiliza dos mecanismos digitais e que os algoritmos estão diretamente ligados, pois interagem diretamente com esses fenômenos.

Pereira (2015, p. 19) em seu trabalho que relaciona a educação a distância e as novas subjetividades, também faz uma interseção entre o conceito de subjetividade digital e o capitalismo, mas não deixa claro sobre o que esse tipo de subjetividade representa. Pereira (2015, p. 20) afirma que “afastados da lógica mecânica e investidos pelo novo regime digital, os corpos contemporâneos se apresentam como sistemas de processamentos de dados, códigos, perfis cifrados, feixes de informação” (apud SIBILIA, 2002, p. 19).

Considerações finais

Parece não haver um consenso entre os autores sobre o que é de fato a subjetividade digital. O que fica claro em relação às convergências temáticas é que construção dessa subjetividade pode estar diretamente ligada à política e, sobretudo, às questões referentes ao mercado de dados. Muito debatido, porém, é a influência dos algoritmos e a sua presença nas plataformas digitais, bem como suas repercussões nos processos de subjetivação. Quando se aborda sobre o impacto na tecnologia há uma convergência entre todos os trabalhos ao evidenciarem que a tecnologia pode impactar relações sociais e, também, reconfiguram o debate sobre os novos processos de subjetivação. Portanto, refletir sobre as dimensões do conceito de subjetividade é de interesse de todas as ciências que lidam com relações humanas, principalmente para a Psicologia.

Referências

AMARAL, Fernando. **Introdução à Ciência de Dados: mineração de dados e big data**. Alta Books Editora, 2016.

ANTUNES, Deborah Christina. Reflexões sobre mundo digital e subjetividade. **Impulso**, v. 27, n. 69, p. 13-24, 2017.

BARCELOS, Renato Hübner. Nova mídia, socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens. 2010.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Edições Loyola, 2007

CASTANHO, Marisa Irene Siqueira; ZORZIM, Terezinha José Inácio. Internet, cultura do consumo e subjetividade de jovens. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 1, p. 36-53, 2017.

CARIBÉ, João Carlos Rebello et al. Algoritmização das relações sociais em rede, produção de crenças e construção da realidade. 2019.

DO VALLE, Fernando. Aspectos da mídia livre como resistência digital. 2019.

FAVA, Gihana. Filtro bolha: desafio para propagação de informação no meio digital. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. 2013.

FILHO, Paulo Faltay. SUJEITOS ALGORÍTMICOS, SUBJETIVIDADES PARANOICAS: capitalismo de dados, influência,(in) dividualidades1 ALGORITHMIC SUBJECTS, PARANOID SUBJECTIVITIES: data capitalism, influence,(in) dividualities.

GOMES, Ulyane Vieira. A estética do youtube: forma e conteúdo no capitalismo tardio. 2019.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. **Campinas: Alínea**, 2017.

GOODWIN, C. James. **História da psicologia moderna**. Editora Cultrix, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. Psicologia e pós-verdade: a emergência da subjetividade digital. **Psi Unisc**, v. 2, n. 2, p. 19-34, 2018

LEISERSON, Charles E. et al. Algoritmos: teoria e prática. **Campus, ed**, v. 1, 2002.

MANDARINO, Georgina Amazonas. A supermodernidade: cultura do poder e do consumismo. 2015.

MEDINA, Marco; FERTING, Cristina. **Algoritmos e programação: teoria e prática**. Novatec Editora, 2006

MEDEIROS, Jackson da Silva. DISPOSITIVOS DE SUBJETIVIDADES: ALGORITMOS NAS REDES DE PODER E INFORMAÇÃO¹.

MEDEIROS, Jackson da Silva; SCARTASSINI, Verônica Barboza. Sociedade de controle e produção de subjetividade: anotações sobre algoritmos. **Colóquio Habermas (15.: 2019 set. 17-19: Rio de Janeiro)**. **Anais. Rio de Janeiro: Salute, 2019**, 2019.

MOREIRA, Jacqueline Oliveira; ROSÁRIO, Ângela Buciano; SANTOS, Alessandro Pereira. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **Psico**, v. 42, n. 4, p. 457-464, 2011.

PEREIRA, Maria Alice Carraturi. **RedeFor e a formação de gestores: novas subjetividades na educação a distância**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

TAURION, Cezar. **Big data**. Brasport, 2013

XAVIER, Leonardo Henrique Sousa. Juventude e consumo emocional nas redes sociais da internet. **Revista Inter-Legere**, n. 15, p. 398-401, 2014.